

A PRESENÇA DE SAUSSURE NA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA DE OSWALD DUCROT

Leci Borges Barbisan
(Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

RESUMO

O texto “A presença de Saussure na Teoria da Argumentação na Língua” tem por objetivo avaliar a filiação da teoria, criada por Oswald Ducrot na École de Hautes Études em Sciences Sociales de Paris, a conceitos de Ferdinand de Saussure. É mostrada inicialmente a importância que o Curso de Linguística Geral assumiu, apesar das dificuldades que contém, para a preservação do pensamento de Saussure, e a valiosa contribuição que trouxe para o desenvolvimento de teorias não apenas da linguagem, mas também das ciências humanas, durante o século XX. Dentre os conceitos mais relevantes do saussurianismo são destacados os de relação e de valor. A Teoria da Argumentação na Língua constrói uma interpretação do valor linguístico saussuriano pelo olhar da alteridade que se encontra no diálogo O Sofista de Platão. É a partir dessa noção que Ducrot, excelente conhecedor da Filosofia clássica, desenvolve seu conceito de valor argumentativo, mostrando como, pela relação entre entidades lexicais, é possível explicar os sentidos que se encontram em discursos. Em vista disso, o sentido decorre da linguagem, não é resultado de referência à realidade. Na conclusão, surge uma questão: Ducrot ultrapassou Saussure? Responde-se negativamente, considerando-se que o trabalho de Ducrot, embora seja devedor do pensamento de Saussure, não o continuou, produziu uma semântica sintagmática da língua.

PALAVRAS-CHAVE: saussurianismo; relação; valor; semântica sintagmática

Este texto nos remete a alguns conceitos concebidos por Ferdinand de Saussure, um dos mais discutidos teóricos da linguagem, criador de conceitos que fundamentaram importantes teorias linguísticas do século XX, dentre as quais pretendemos focalizar a Teoria da Argumentação na Língua, semântica linguística criada por Oswald Ducrot.

Loïc Depecker publicou, em 2009, um livro que recebeu o título *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*, traduzido no Brasil em 2012. Na Introdução de seu livro, Depecker se coloca a questão de saber se “existe um pensamento de Saussure” (p.5). Essa pergunta pode hoje parecer estranha, depois do que já se disse e se discutiu sobre a teoria saussuriana, depois de todos os resultados que o pensamento do mestre de Genebra gerou. Mas a pergunta provocadora de Depecker se justifica pelo fato de que o *Curso de Linguística Geral* (CLG), que traz o nome de Saussure como sendo seu autor, foi publicado em 1916, três anos após sua morte e, como sabemos, não foi escrito por ele, mas por Charles Bally e por Albert Sechehaye, que não assistiram aos cursos e que escreveram e publicaram o *Curso de Linguística Geral* – o CLG – a partir de anotações de alunos que participaram efetivamente desses cursos. Então – é preciso compreender – Saussure foi autor de um livro que não escreveu...

Nas condições em que foi produzido, sabemos hoje que o *Curso de Linguística Geral* apresenta rupturas, interpretações dos editores Bally e Sechehaye, e também reduções e deformações. Robert Godel teve acesso às fontes manuscritas dos alunos que estiveram presentes nos cursos de Saussure, fontes que serviram para a escrita do CLG. Baseado nesses textos, Godel publicou, em 1957, seu livro *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale*. Nessa obra, lemos que certos exemplos e comentários que se encontram no CLG foram construídos pelos editores, não por Saussure. Para citar apenas um exemplo, o último enunciado do CLG (página 305): “a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua, considerada em si mesma e por si mesma”, sabemos que não era o pensamento de Saussure.

Um “outro Saussure” – digamos, fazendo coro com Depecker, desta vez o “verdadeiro” – surgiu 80 anos depois, em 1996, para os estudiosos da Linguística. Um grande número de anotações manuscritas, redigidas pela mão do mestre, encontradas na mansão da família, foram depositadas na Biblioteca Pública e Universitária de Gene-

bra. A partir dessa data, temos notícia disso, um trabalho muito grande em torno desses documentos, de datações, do método de trabalho, foi realizado e um livro que recebeu o nome de *Escritos de Linguística Geral*, contendo alguns desses escritos, foi editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler, publicado em Paris pela editora Gallimard, em 2002, e traduzido para o português, divulgado no Brasil pela Cultrix em 2004. Dentre esses documentos estão aqueles que tratam da essência dupla da linguagem, que deveriam compor um livro que Saussure estaria escrevendo, mas que nunca foi completado, nem publicado. Entretanto, outros textos originais ainda precisam ser analisados e divulgados. Certamente, muitas surpresas nos reserva o pensamento de Ferdinand de Saussure.

Mas, apesar das dificuldades que percebemos no *Curso de Linguística Geral*, não podemos condenar Bally e Sechehaye, continua Depecker. No prefácio do CLG, Bally e Sechehaye assumem, frente à crítica, toda a responsabilidade pelo que publicam, e se colocam como intérpretes do mestre. Escrevem eles, no prefácio da primeira edição:

Sentimos toda a responsabilidade que assumimos perante a crítica, perante o próprio autor, que não teria talvez autorizado a publicação destas páginas.

Essa responsabilidade, nós a aceitamos integralmente, e queremos ser os únicos a carregá-la. Saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes? Ficariamos agradecidos se dirigissem contra nós os ataques com os quais seria injusto oprimir *uma memória que nos é querida*.

Foi o Saussure do CLG que o século XX leu, e mais, interpretou, nem sempre talvez como o mestre gostaria de ser interpretado. Mas, explica Depecker na página 15 de seu livro, “o CLG teve a imensa vantagem de salvar do esquecimento o pensamento de Saussure”. Sem o CLG, provavelmente a pesquisa em torno da linguagem humana nunca teria tido acesso à contribuição do mestre. E mais, diríamos nós, o século XX nunca teria conhecido as teorias sobre a linguagem que, nesse período, foram pensadas e discutidas a partir de afirmações que se encontram no *Curso de Linguística Geral* e que, de um modo ou de outro, fizeram avançar as reflexões sobre a Linguística Sincrônica, teorias tais como as da Escola de Praga (sobretudo com Karcevskij, Jakobson, Troubetskoy), da Escola de Copenhague (com

Bröndal, Hjelmslev), do estruturalismo americano (com Whitney, Sapir, Harris, Chomsky). É de uma teoria francesa do século XX que gostaríamos de tratar aqui: a Teoria da Argumentação na Língua, semântica linguística, iniciada na década de 70, na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris, por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, e continuada ainda hoje por Oswald Ducrot e Marion Carel, na mesma instituição francesa.

O saussurianismo de Ducrot

No *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*, escrito por Oswald Ducrot em colaboração com Jean-Marie Schaeffer, em 1995, o verbete *Saussurianisme*, assinado por Ducrot, apresenta seu olhar sobre alguns conceitos criados por Saussure. Nas páginas 36 e 37 da edição de 1995, Ducrot parte da afirmação saussuriana de que a linguagem se apresenta como um sistema, mostrando a organização pela qual os signos só têm realidade linguística pelas relações que se estabelecem entre eles, chegando assim à noção de valor. Na continuação, o signo é visto pela relação entre significante e significado, terminologia do terceiro curso, rejeitando as designações conceito e imagem acústica, formulação considerada provisória, que se lê no *Curso de Linguística Geral*.

No verbete *Referência* do mesmo dicionário, Ducrot relembra, na página 361, a afirmação do mestre de que os significados “são puramente diferenciais”, definidos “não positivamente por seus conteúdos, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua mais exata característica é a de ser o que os outros não são: são puros valores” (capítulo 4, parágrafo 2 do CLG). Ao entender o signo como sendo constituído de significante e significado, portanto na língua, Ducrot se opõe ao referencialismo e ao cognitivismo. No capítulo *La Sémantique argumentative peut-elle se réclamer de Saussure*, publicado em 2006 no livro *Nouveaux Regards sur Saussure*, Ducrot explica seu ponto de vista segundo o qual “as entidades linguísticas não têm sentido” (p. 154-155). Justifica sua afirmação com o argumento de que “não se poderia mostrar uma coisa material ou psíquica que não seria constituída por palavras e que poderia ser considerada como o sentido dessa palavra”.

É na primeira página desse mesmo capítulo do livro *Nouveaux Regards sur Saussure* que Oswald Ducrot relata como, em 1960, na qualidade de professor de filosofia, conhecedor da filosofia clássica,

sobretudo de Platão, Descartes e Kant, ao ler, no *Curso de Linguística Geral*, o capítulo sobre o *valor*, se lançou na pesquisa linguística, que nunca mais abandonou. Seu trabalho, desde então, fundamentou-se nessa obra, com o apoio da edição crítica de Tullio de Mauro e de *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale* (1957) de Robert Godel, para resolver contradições e ambiguidades que encontrava no CLG.

Na noção de valor, explicada por Saussure no capítulo IV da segunda parte do *Curso de Linguística Geral*, Ducrot encontrou a alteridade, criada por Platão em seu diálogo *O Sofista*. No *Prefácio* que escreveu em 2009 para o livro *O Intervalo Semântico: uma introdução para uma Teoria Semântica Argumentativa*, fica explicada a teoria da “alteridade, cuja necessidade a Linguística moderna vem redescobrimdo desde Saussure” (p. 10). Sabemos, então, que em *O Sofista*, às categorias fundamentais da realidade, Platão acrescenta um quinto gênero, o Outro, constituído de uma natureza singular, já que:

Da essência do Outro, diremos que ela circula através de todas, porque se cada uma delas, individualmente, é diferente das demais, não é em virtude de sua própria essência, mas de sua participação na natureza do Outro (*O Sofista*, 255e).

Então, o *Movimento*, por exemplo, é o que ele é porque não é o *Repouso*. Ducrot percebeu, no capítulo do valor do CLG, que Saussure aplica nas palavras da *língua* o que Platão disse sobre as Ideias. Ducrot explica, no mesmo *Prefácio*, nas páginas 10 e 11, que Saussure compara a noção de alteridade de Platão, constitutiva das ideias, ao valor de uma palavra que se opõe a outras.

Mais adiante, na página 12, continua Ducrot:

Se falar é, antes de mais nada, constituir seu próprio pensamento, obrigando outrem a nos enviar dele um reflexo, e se a língua tem por função primordial permitir esse jogo de fala, o enunciado (tomado aqui como o protótipo da entidade linguística) nada mais é sem si mesmo, senão uma alusão a outros enunciados – aqueles pelos quais ele quer ser continuado, esse futuro discursivo que projeta diante de si essa sombra de si mesmo que é sua única realidade.

A noção de *valor* torna-se, então, desde as primeiras reflexões que constituirão a Teoria da Argumentação na Língua até os dias de hoje – porque a teoria continua se desenvolvendo – a noção fundamental para a explicação da semântica linguística.

A semântica linguística de Oswald Ducrot

As pesquisas sobre a Teoria da Argumentação na Língua (ANL) realizadas por Oswald Ducrot, cujo desenvolvimento atual é a Teoria dos Blocos Semânticos – aprofundamento e radicalização da ANL – filiam-se a textos do *Curso de Linguística Geral* sobre significado e valor.

Definindo-se inicialmente como uma teoria da argumentação na língua, rejeitando, portanto, a possibilidade de um recorte do sentido na realidade ou no pensamento, o sentido de uma entidade linguística é um conjunto de encadeamentos argumentativos que a língua atribui a uma entidade linguística. As argumentações, que não devem ser consideradas raciocínios lógicos, são constituídas de duas proposições, ligadas por um conector que pode ser portanto (argumentações normativas) ou no entanto (argumentações transgressivas). Fundamentado na noção de valor linguístico proposto por Saussure, no qual viu a alteridade concebida por Platão, Ducrot explica o sentido das entidades lexicais e dos enunciados pelas relações de semelhança e de diferença. É assim que, em 1988, na primeira conferência pronunciada na Universidade de Cali, na Colômbia, define o valor argumentativo como sendo a orientação que a significação de uma entidade lexical dá ao discurso, tornando possível ou impossível uma continuação. A orientação argumentativa conduz a instruções que favorecem a compreensão do sentido dos enunciados. O valor argumentativo é entendido, desse modo, como sendo o nível fundamental da descrição semântica.

Em 2006, encontramos, diríamos nós, um desenvolvimento da noção de orientação argumentativa: as argumentações que constituem o sentido de uma entidade lexical podem estar relacionadas a ela de modo externo, como em “estudar portanto aprender”, em que estudar orienta para aprender. É o que a Teoria dos Blocos Semânticos denomina argumentação externa. Já a argumentação interna apresenta a paráfrase – porque, segundo Ducrot, as entidades lexicais contêm argumentações – como se percebe em “prudente”, cuja significação pode ser expressa pelo encadeamento em que “perigo” orienta para uma possível continuação: perigo portanto precaução. Os encadeamentos que as entidades lexicais evocam são construídos por dois e somente dois segmentos, contendo a mesma interdependência semântica. As relações entre duas entidades lexicais compõem dois blocos,

cada um contendo quatro encadeamentos, denominados aspectos argumentativos, formados pelos conectores “portanto” ou “no entanto”, e pela afirmação e a negação.

É com base na relação entre entidades lexicais que constroem encadeamentos com portanto e com no entanto, fundamentados nos conceitos saussurianos de valor e de relação, que devemos entender a Teoria dos Blocos Semânticos, que leva às suas últimas consequências as ideias de Saussure concernentes às noções de relação e de valor.

Considerações finais

De que modo, finalmente, Saussure se faz presente na Semântica Argumentativa de Oswald Ducrot? A nosso ver, o pensamento de Saussure comparece na Teoria da Argumentação na Língua essencialmente pelas noções de valor, de relação e, conseqüentemente, pela rejeição da busca do sentido na exterioridade à linguagem.

Em artigo intitulado *Argumentação retórica e argumentação linguística*, traduzido para o português em 2009, Ducrot retoma fundamentos de sua proposta teórica. Inicialmente expõe que entende por argumentação linguística o modo como o encadeamento de dois segmentos A e C, por exemplo, são relacionados pelos conectores portanto e no entanto. O segmento A contém nele a indicação de que deve ser completado por C, ou seja, A conduz, sem passagem, à conclusão C. Por isso, A não pode ser entendido independentemente de C. Fora do encadeamento, A não significa nada. O segmento A encerra nele a possibilidade de que lhe seja encadeado “portanto C”; contém nele também a possibilidade de ser continuado por “no entanto não-C”, se for mudado o conector. Assim, se A tem nele a possibilidade de ser continuado por portanto C, tem também a possibilidade de que seja articulado a “no entanto não-C”. Enunciados e entidades lexicais fazem alusão a encadeamentos do tipo A conector C. Essas observações são evidências, diz Ducrot, de que utilizamos em nossa fala o “tesouro” comum a todos os falantes da língua, o vocabulário. Com isso, podemos concluir que os sentidos que construímos, ao falar, são puramente linguísticos, não têm explicação lógica, não podem ser entendidos por fatos da realidade, de fora da linguagem. Tomando como fundamento de sua teoria essencialmente as noções de valor e de relação, concebidas por Saussure, encontradas por Ducrot na década de 1960, quando de sua descoberta do pensamento saussuriano, no *Curso de Linguística Geral*, redigido por Bally e Sechehaye, e nas

fontes manuscritas apresentadas em seu livro por Godel, Oswald Ducrot concebeu uma teoria semântica linguística fundamentada principalmente na noção saussuriana de valor linguístico, escolhendo semelhanças e diferenças entre entidades lexicais e enunciados, construindo relações argumentativas na linguagem.

Para justificar sua tese de que os sentidos se constroem pela linguagem, não pela exterioridade, Ducrot retorna, na conclusão de seu artigo *Argumentação retórica e argumentação linguística*, ao ponto do qual partiu, quando leu pela primeira vez o capítulo sobre o valor linguístico. Transcrevemos abaixo o olhar do filósofo tornado linguista, que não esquece sua formação de origem:

Chamemos, para simplificar, platônica a pesquisa de uma verdade absoluta, que exigiria que se ultrapassasse a linguagem, isto é, que se tentasse, sem mesmo saber se é possível, *sair da Caverna* (porque a verdadeira caverna, aquela que nos proíbe a relação com a realidade, aquela que nos obriga a viver no meio das *sombras* é, para mim, a linguagem). Chamemos *aristotélica*, de modo bem esquemático, a esperança de encontrar no discurso, isto é, *no interior da Caverna*, uma espécie de racionalidade imperfeita, insuficiente, mas apesar de tudo aceitável, *possível de ser vivida*. Por meio dessas aproximações, minha exposição se inscreve numa oposição sistemática ao otimismo retórico de Aristóteles e de seus inúmeros sucessores; ela desejaria promover um retorno a Platão e a uma desconfiança *radical* em relação ao discurso.

Ao final dessas poucas observações em torno do tema escolhido para este texto, uma pergunta se coloca: Ducrot ultrapassou Saussure? Pensamos que a resposta seria negativa. Ducrot partiu de conceitos saussurianos do CLG, e de manuscritos de alunos do mestre, apresentados por Godel – porque só muito recentemente o mundo acadêmico conheceu os Escritos – e, com eles criou uma semântica, que encontra em propriedades da palavra princípios para chegar ao enunciado e ao discurso. Com esse olhar sobre a linguagem, mantido sempre e aprofundado durante todos esses anos de desenvolvimento da pesquisa, Ducrot não ultrapassou Saussure; ele criou outra teoria, original, única, que parte de sentidos construídos pelo discurso para encontrar na língua – seu objeto de estudo – explicação para esses sentidos, produzindo, não uma semântica da palavra isolada, mas uma semântica sintagmática original, que provavelmente não foi

pensada pelo mestre, mas foi certamente inspirada por ele. É desse modo que a Teoria da Argumentação na Língua se situa como devedora da genialidade e de Ferdinand de Saussure.

ABSTRACT

The objective of the paper « The presence of Saussure in the Theory of Argumentation in Language » is to evaluate the connection between the theory created by Oswald Ducrot in the School for Advanced Studies in Social Sciences in Paris, and the concepts of Ferdinand de Saussure. First, we discuss the importance of the Course in General Linguistics, despite difficulties within it, in preserving the ideas of Saussure, and the valuable contribution that it made to the development of not only language theories, but also to the theories of human sciences during the 20th century. Among the most relevant concepts by Saussure, we highlight those of relation and value. The Theory of Argumentation in Language builds an interpretation of Saussurian linguistic value through the perspective of alterity, which is found in the dialogue *The Sophist* by Plato. Based on this notion, Ducrot, an expert in classical philosophy, develops his concept of argumentative value, showing how, through the relation between lexical entities, it is possible to explain the meaning that are found in discourses. In view of this, meaning results from language, it is not the result of reference to reality. In conclusion, one question emerges. Does Ducrot transcend Saussure? We respond in the negative, considering the fact that the work by Ducrot, though indebted to Saussure's ideas, does not carry them on. Ducrot has produced a syntagmatic semantics of language.

KEYWORDS : Saussurianism ; relation ; value ; syntagmatic semantics

REFERÊNCIAS

- CAREL, Marion, DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos*. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- DEPECKER, Loïc. *Comprendre Saussure*. Paris: Armand Colin, 2009.
- DUCROT, Oswald. *Polifonía y argumentación*. Cali : Universidad del Valle, 1990.
- DUCROT, Oswald, SCHAEFFER, Jean-Marie. *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris: Seuil, 1995.
- DUCROT, Oswald. La sémantique argumentative peut-elle se réclamer de Saussure ? In SAUSSURE, Louis de. *Nouveaux regards sur Saussure*. Genève : Droz, 2006.
- DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. *Letras de Hoje*, v. 44, n.1, jan-mar 2009a.
- DUCROT, Oswald. Prefácio. In VOGT, Carlos. *O intervalo semântico*. Campinas: Editora UNICAMP, 2009b.
- GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale*. Genève: Droz, 1969.
- PLATON. *Le Sophiste*. Paris: Flammarion, 1993.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*, éd. critique Tullio de Mauro. Paris: Payot, 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002.

Recebido em 7 de maio

Aprovado em 18 de maio